

A ENSAÍSTICA DE THEODOR W. ADORNO

Rodrigo A.P. Duarte
UFMG

O estudo da forma ensaio entre nós possui em Theodor W. Adorno, já há alguns anos — desde a publicação, em 1985, do seu famoso artigo sobre o assunto pela Editora Ática¹ — uma referência obrigatória. O que pouco se conhece, entretanto, é o profundo enraizamento do interesse adorniano pelo ensaio no seu pensamento filosófico tomado como um todo. Demonstra isso o fato de Adorno aproximar-se da questão num de seus primeiros escritos filosóficos, ainda nos anos trinta, sendo que tópicos fundamentais da forma final de sua abordagem sobre o ensaio aparecem em textos importantes ao longo de sua carreira.

Isso coloca um problema considerável na exposição do posicionamento de Adorno relativo à forma ensaio — objetivo primordial do presente artigo —, a saber: um reconhecimento da inserção

1. JAY. Adorno, 1984.

ENSAIO

da problemática do ensaio na obra de Adorno pressuporia um conhecimento suficiente da mesma, o que inviabilizaria a tarefa a que aqui se propõe, em virtude da extrapolação do espaço previsto para um artigo. Entretanto, tentar-se-á contornar o problema, dando-se crédito a Martin Jay, quando ele afirma que, "para se obter uma avenida de acesso à sua [de Adorno] filosofia, é possível tomar uma obra mais curta e examiná-la detalhadamente; mais do que tentar resumir e parafrasear sua *oeuvre* como um todo"². Curiosamente, Jay associa tal peculiaridade do pensamento de Adorno não apenas ao fato de sua obra ter se conservado surpreendentemente estável ao longo das quase quatro décadas de sua produção filosófica, mas também à "qualidade ensaística" de sua Filosofia³, o que revelar-se-á, adiante, de grande significado para a presente investigação.

Dessa forma, optou-se aqui pela análise de dois textos significativos no que concerne à forma ensaio: o primeiro deles, "A Atualidade da Filosofia", pode ser considerado como a estréia de Adorno no mundo acadêmico alemão, nos inícios da década de trinta. O outro, "O Ensaio como Forma", é um texto da maturidade do autor, onde a questão do Ensaio é trabalhada com profundidade, revelando também pontos nodais do pensamento desse importante filósofo. Passemos, então, à análise dos textos.

A ATUALIDADE DA FILOSOFIA

Como se mencionou acima, um tratamento do ensaio como forma de expressão intelectual comparece no pensamento de Theodor W. Adorno desde a época de sua formação, ainda no início dos anos trinta. Tal abordagem aparece primeiramente na sua palestra inaugural como livre docente da Universidade de Frankfurt, intitulada "A atualidade da filosofia", cujo manuscrito data de 07/05/31⁴. Uma exposição sucinta dos tópicos fundamentais desse texto nos mostrará em que medida já estão presentes, àquela época, elemen-

tos que comporão o pensamento maduro do filósofo, dentre os quais destaca-se a a problemática do ensaio.

Adorno inicia o texto com uma advertência de que a filosofia, hoje, não pode mais nutrir seriamente a pretensão de abarcar com o pensamento a totalidade do real. Aquelas filosofias que o fazem estão concorrendo deliberadamente para encobrir a realidade e perpetuar o seu estado atual. A paridade do pensamento ao Ser enquanto totalidade corroeu-se e, com isso, a idéia do ente tornou-se, ela própria, ininvestigável⁵.

A crise do Idealismo iguala-se à da pretensão filosófica à totalidade. O Neo-Kantismo de Marburg, que tentou mais rigorosamente obter o conteúdo da realidade a partir de categorias lógicas, assegurou sua perfeição sistemática somente ao preço de abdicar de qualquer direito sobre essa realidade. A posição contrária a essa escola no âmbito do idealismo, a Filosofia da Vida de Simmel, irracionalística e psicologicamente constituída, conservou, é verdade, o contato com o real, mas com isso, perdeu todo e qualquer direito legislativo sobre a empiria, e se resignou num conceito de natureza cego e obscuro. Finalmente, a escola do Sudoeste, de Rickert, que mediou entre esses extremos, pretende dispor de medidas filosóficas mais concretas e manuseáveis do que as idéias dos marburguenses e desenvolveu um método, que também mantém com a empiria uma relação questionável. Aparte das grandes tentativas de solução da Filosofia idealista, estão as filosofias científicas, que, já de saída, abrem mão da questão fundamental idealista sobre a construção do real, trabalhando apenas no âmbito de uma propedêutica das ciências particulares⁶.

Dentro desse quadro, ressalta o esforço do espírito filosófico, denominado *Fenomenologia*: o esforço de obter, após a decadência dos sistemas idealistas, com o instrumento do idealismo — a razão autônoma — uma ordem do ser supra-subjetiva, não facultativa. A descoberta propriamente

2. JAY. Adorno, 1984.

3. ADORNO. *Gesammelte Schriften* 1, p. 383

4. *Ibidem.*, p. 325.

5. ADORNO. *Gesammelte Schriften* 1, 326

6. *Ibidem.*, p. 327

ENSAIO

produtiva de Husserl foi que ele reconheceu e tornou frutífero o conceito de dado inderivado, tal como as correntes positivistas o conceberam, porém no seu significado para o problema fundamental das relações entre razão e real⁷. Adorno indica, entretanto, que a análise husserliana dos dados da consciência permanece dependente de um sistema de idealismo transcendental escamoteado, "cuja idéia em Husserl é finalmente formulada, i.e., que a 'legitimação da razão' permanece sendo a última instância para a relação entre a razão e a realidade"⁸. O saldo, para Adorno, é, entretanto, positivo, uma vez que Husserl purificou o idealismo de seu "a mais" especulativo.

Em desenvolvimentos posteriores da Fenomenologia em direção a uma "fenomenologia material", como a filosofia de Max Scheler, as verdades fundamentais eternas se dissolvem em mudanças rápidas, para serem finalmente banidas na impotência de sua transcendência, podendo-se "enxergar aí o impulso questionante incansável de um pensamento, que apenas no movimento de erro em erro torna-se parcialmente verdadeiro". Entretanto, tal movimento mostra, antes, as dificuldades da Fenomenologia de passar da região idealístico-formal numa objetiva e material⁹.

No próximo passo desse balanço da filosofia contemporânea diante das questões perenes da Filosofia, Adorno introduz aquilo que será — ao lado da crítica à Fenomenologia husserliana — um tema permanente no seu desenvolvimento filosófico: a crítica à Ontologia Fundamental de Heidegger. Aqui, Adorno aponta primeiramente que aquele "auto-recolhimento" da Fenomenologia, transmitir-se-á também a doutrina de Martin Heidegger, diferentemente do que o "*pathos* do começo" a faz aparecer:

Em vez da questão sobre as idéias objetivas e o ser objetivo, surge em Heidegger — pelo menos nos escritos publicados — a questão subjetiva. A exigência da ontologia

material é reduzida ao âmbito da subjetividade e procura nas suas profundezas o que ela não consegue encontrar no pleno aberto da realidade.¹⁰

Para Adorno, não é por acaso que Heidegger se reporta à filosofia existencial de Sören Kierkegaard, enquanto "último projeto de uma ontologia subjetiva, que o pensamento ocidental produziu".¹¹ Tal projeto, entretanto, não pôde ser a salvação filosófica de Heidegger, uma vez que um ser fixado não alcança a dialética subjetiva kierkegaardiana, cuja profundidade reside na atribuição de um estatuto ontológico ao desespero, cuja redenção aponta somente para uma transcendência — à moda kierkegaardiana — de natureza essencialmente subjetiva. Segundo Adorno, essa transcendência, oriunda do posicionamento religioso de Kierkegaard, conserva-se — a contragosto — no pensamento de Heidegger, ainda que ele lance mão de uma não-dialética realidade imediata (*zurhandene Wirklichkeit*) como via de acesso a uma dimensão propriamente ontológica:

Só que a análise do pré-existente, na qual Heidegger permanece ligado à Fenomenologia e se difere principalmente da especulação idealista de Kierkegaard, obsta a transcendência da fé e seu ataque espontâneo no sacrifício do espírito subjetivo, e, ao invés disso, só reconhece uma transcendência, cega e obscura, ao ser-assim vital: a morte.¹²

Assim como a Ontologia Fundamental acerta — à sua moda — suas contas com a transcendência, ela se defronta com o que Adorno chamou de a sua "segunda grande ameaça", aquela pelo historicismo, ontologizando o próprio tempo, colocando-o como constituinte da essência homem. Com isso chega-se à paradoxal situação de permanecer "enquanto algo eterno apenas a tempora-

7. ADORNO, *Gesammelte Schriften* 1, p. 328.

8. *Ibidem*

9. *Ibidem*, p. 329

10. *Ibidem*

11. ADORNO. *Gesammelte Schriften* 1, p. 330

12. *Ibidem*

ENSAIO

lidade".¹³

Na seqüência do balanço da filosofia contemporânea, Adorno trata rapidamente do *Círculo de Viena*, caracterizando o seu pensamento como um "auto-abandono da Filosofia", onde "dever-se-ia preferencialmente liquidar a Filosofia e desmembrá-la em ciências particulares, do que socorrê-la com um ideal poético, que não significaria nada mais do que uma fantasia ornamental de falsos pensamentos".¹⁴ Após apontar a existência, na Escola de Viena, de compromissos com pressupostos de ordem filosófica (p.ex.: a tese da solubilidade principal das questões filosóficas em problemas científicos), Adorno reconhece a importância dessa escola filosófica, asseverando, entretanto, que o seu significado estaria menos na factibilidade da passagem da Filosofia em Ciência, do que no fato de que, "através do aguçamento com que ela formula o que na Filosofia é Ciência, ela destaca tudo que na Filosofia pressupõe outras instâncias que as lógicas e ligadas às ciências particulares". Com isso, o Empirismo Lógico presta, involuntariamente, um serviço à Filosofia que ele próprio combate, informando-lhe em que tipo de questões ela não deve absolutamente se deter, por extrapolar sua "competência".¹⁵

A essa altura torna-se claro o que Adorno quer dizer com o termo "atualidade", expresso no título de sua conferência. Ele designa não apenas a questão sobre a "adimplência" ou "inadimplência" da Filosofia em virtude da situação geral da cultura, mas remete à outra questão, a saber, se, depois do fracasso dos últimos grandes esforços, haveria ainda uma correlação de forças entre as questões filosóficas e a possibilidade de respondê-las. A partir daí, toma-se contato explícito pela primeira vez com o que virá a ser o pensamento maduro de Adorno, embora nessa sua primeira versão, a influência de Walter Benjamin seja mais visível do que posteriormente o será.

Destaca-se aqui, antes de tudo, a proposta concreta de uma Filosofia que, ao mesmo tempo,

não abandone as questões cruciais que o passado filosófico tentou inutilmente resolver (porque isso, como se viu, significaria o auto-abandono de si própria), levando a sério, por outro lado, a impossibilidade de alcançar a totalidade almejada por aquela. A tarefa dessa Filosofia não seria

pesquisar intenções ocultas ou presentes da realidade, mas interpretar a realidade desprovida de intenções, no que ela, por meio de construção de figuras, de imagens dos elementos isolados da realidade, levanta as questões, cuja concepção corrente é tarefa da ciência.¹⁶

Essa versão interpretativa (*deutende*) da Filosofia apresenta uma afinidade insuspeitada com o materialismo, já que, segundo ele, nada mais absurdo do que uma realidade que seja, em si mesma, plena de intencionalidade e significação. Uma expressão típica dessas últimas é a função simbólica, segundo a qual, no idealismo, o particular parecia representar o universal. Se a Filosofia deve aprender a desistir da questão da totalidade — e isso parece ser um imperativo —, ela deve seguir o seu caminho sem aquela função simbólica, o que significa também o seu reencontro com o materialismo. Além disso, a interpretação, enquanto reconstrução de elementos microscópicos e não-intencionais da realidade, aproxima-se tanto do "levantamento do mundo fenomênico" freudiano (haja vista o termo *interpretação* dos sonhos), quanto das inserções da Crítica da Economia Política, sendo que, dessas últimas, Adorno retira um elemento — a forma mercadoria —, cuja confrontação com a concepção kantiana de coisa-em-si exemplifica bem a diferenciação entre os dois modos distintos de se pensar a Filosofia. Enquanto na filosofia tradicional tratar-se-ia de investigar a relação entre o fenômeno e a coisa-em-si, a filosofia interpretativa construiria, a partir de elementos que não estão, de modo algum, dados na realidade empírica, uma figura-síntese da sociabilidade típica dessa formação histórica. Ou, como se expres-

13. ADORNO, *Gesammelte Schriften* 1, p. 330.

14. *Ibidem*, p. 332.

15. *Ibidem*, p. 333.

16. *Ibidem*, p. 335.

ENSAIO

sa Adorno,

Seria, entretanto, possível, que diante de uma construção suficiente da forma mercadoria, o problema da coisa-em-si pura e simplesmente desaparecesse: que a figura histórica da mercadoria e do valor-de-troca como uma fonte de luz mostrasse a forma da realidade, enquanto que sobre seu sentido recôndito, o problema da coisas em si, se esforçaria em vão, pois aquela não possui sentido recôndito, que fosse destacável do seu primeiro e único aparecer histórico.¹⁷

Tal forma de procedimento é comparada por Adorno a um enigma, cuja resposta não é o "sentido" do mesmo, de um modo em que os dois pudessem coexistir, que a resposta estivesse "contida" no enigma, que constituísse apenas o seu fenômeno e que se encerrasse nele enquanto intenção. Na realidade, a resposta se situa em estrita antítese para com o enigma, necessitando da construção a partir de elementos dele e o destrói, assim que a resposta, fulminante, lhe é dada. Nesse quadro, a solução do enigma enquanto tal importa muito menos do que o "gesto mutante do jogo de enigma", cuja característica essencialmente crítica e destrutiva o identifica a uma *praxis* materialista, em cujas mãos, estaria, em última instância, a verdadeira solução do enigma: "Essa relação, o materialismo designou com um nome, que é filosoficamente autenticado: dialética. Somente dialeticamente a interpretação parece possível".¹⁸

Adorno chama ainda a atenção para a dificuldade da realização completa do programa de uma filosofia interpretativa, já que a exclusão das questões ontológicas e suas congêneres coloca em xeque o conceito mesmo de Filosofia, pelo menos no seu sentido tradicional. Cabe aqui ainda uma acusação às correntes filosóficas contemporâneas, de terem simplesmente ignorado essa tensão, esse desafio, optando ou por um auto-abandono da Filosofia,

ou pelo esquecimento dos antigos problemas, acreditando, assim, poder eliminá-los. Nesse último caso, o ataque tem um endereço mais preciso: "Realmente, a ilusão do começo é aquilo que primeiramente se presta à crítica na filosofia de Heidegger".¹⁹ A crítica ao pensamento filosófico "oficial" do presente é, portanto, constitutiva de uma filosofia interpretativa, que, ao contrário daquela, convive com a referida tensão, procurando também oferecer uma concepção nova, adequada, de Filosofia.

Mister dessa nova forma de conceber a Filosofia é também estabelecer uma relação produtiva com as ciências particulares, sobretudo com a Sociologia. O modelo para essa relação, Adorno busca na comparação feita por um "influente filósofo acadêmico contemporâneo", segundo a qual, o filósofo, como o arquiteto, fornece e executa o projeto de uma casa, e o sociólogo seria um "escalador de fachadas", que sobe parede acima e retira da casa o que está a seu alcance. Adorno assume parcialmente a comparação, asseverando que a casa está há muito condenada, e todas as coisas que nela estão guardadas — algumas delas insubstituíveis — estão ameaçadas de se perder para sempre. Nesse sentido, o sociólogo, por menos valor que dê a algumas dessas coisas que ele "rouba", presta um serviço à Filosofia, na medida em que ele as salva para ela. Resta aqui, entretanto, a questão sobre qual Sociologia estaria apta a prestar esse serviço, sendo descartada de antemão, por seu posicionamento "topológico", a Sociologia do Conhecimento:

Tal tipo de Sociologia subordina-se a um tipo de relativismo universal, cuja generalidade pode tão pouco ser reconhecida pela interpretação filosófica, quanto qualquer outra e ela possui no método dialético um meio suficiente para corrigi-lo.²⁰

Um aspecto desse corretivo dialético aplicado às freqüentes tendências nominalistas que se impõem

17. ADORNO, *Gesammelte Schriften* 1, p. 337.

18. *Ibidem*, p. 338

19. ADORNO, *Gesammelte Schriften* 1, p. 339.

20. *Ibidem*, p. 341

ENSAIO

na Sociologia é o que Adorno chama de "imagens históricas", representações que não perfazem o sentido da existência, mas revelam e dissolvem suas questões. Elas não são algo dado, não se encontram organicamente a postos na história, mas devem ser fabricadas pelo homem, legitimando-se somente pelo fato de o existente reunir-se, numa evidência gritante, em torno delas. A elas se liga igualmente a concepção dos *modelos*, com os quais a *ratio* se aproxima — examinando, provando — de uma realidade, para a qual a lei falha. A relação com a forma ensaio, que até aqui se encontrava apenas latente vai se tornando mais clara, já que é possível identificar na proposta das *imagens históricas* e dos *modelos* uma tentativa de reabilitar aquela antiga concepção da filosofia formulada por Bacon, intentada também por Leibniz: a da *ars inveniendi*.

Diferentemente dos projetos de ambos filósofos da Idade Moderna, que — filhos do seu tempo — eram impregnados de uma ideologia cientificista, o *organon* dessa *ars inveniendi* concebida por Adorno é, entretanto, a imaginação. Porém, "uma imaginação exata; uma imaginação que permanece estritamente no material que as ciências lhe oferecem, e somente nos traços mais ínfimos de sua disposição vai adiante daquelas: traços que a imaginação certamente deve dar originariamente e a partir de si mesma".²¹

Entretanto, é a partir da objeção central que lhe dirigem os seus adversários, principalmente representantes da Ontologia Fundamental, que Adorno apresenta uma defesa explícita do ensaio como forma filosófica legítima. Segundo aquela objeção, à essa concepção adorniana também subjazeria um conceito de homem, um projeto do ser-aí, havendo apenas a timidez — oriunda de um medo cego diante do poder da história — em destacar tais invariantes de modo claro e conseqüente, tendo tudo isso como corolário, o retirar da Filosofia toda e qualquer medida constante, amaldiçoando-a a ser um jogo de imagens estético, transformando a *prima philosophia* em ensaísmo filosófico.

21. ADORNO, *Gesammelte Schriften* 1, p. 342

Adorno se defende dizendo que está de acordo com o conteúdo da objeção, mas que ele considera tudo isso filosoficamente legítimo, questionando apenas a necessidade de se recorrer a uma concepção de Homem ou de Ser-aí.²²

A relação dos supra-mencionados *modelos* com a forma ensaio torna-se ainda mais evidente quando Adorno define aqueles como a modalidade dialética da comunicação da produtividade do pensamento com a concreção histórica. No que tange o empenho quanto à forma dessa comunicação, Adorno aceita de bom grado a acusação de ensaísmo:

"Os empiristas ingleses, assim como Leibniz, denominaram seus escritos filosóficos ensaios, porque a potência da realidade pouco antes advinda, com a qual o seu pensamento se chocou, os coagiu renovadamente à ousadia da tentativa."²³

Segundo Adorno, só no período pós-kantiano perdeu-se essa coragem de tentar, e o ensaio, de forma da grande Filosofia decaiu numa pequena forma da Estética. Mas com a decadência de toda e qualquer segurança na grande Filosofia, a *tentativa* anuncia a sua reentrada: "se ela aqui se conecta às interpretações limitadas, contornadas e não-simbólicas do ensaio estético"²⁴, isso não parece abominável a Adorno, na medida em que os objetos sejam corretamente escolhidos, na medida em que eles sejam reais.

A menção das características da forma ensaio, expressa acima, nos remete ao seu desenvolvimento detalhado no texto de maturidade "O ensaio como forma", a cuja análise passamos a seguir.

O ENSAIO COMO FORMA

Nesse texto, Adorno parece partir exatamente de onde parou no trabalho de juventude analisado acima, ou seja, da constatação de que a forma en-

22. ADORNO, *Gesammelte Schriften* 1, p. 343.

23. *Ibidem*

24. *Ibidem*, p. 344

ENSAIO

saio na Alemanha se encontra relegada a um segundo plano, principalmente por ser um produto misto, em que características da racionalidade científica se fundiriam, como que arbitrariamente, com elementos da criação artística²⁵. A isso acrescenta-se o fato da relação visceral existente entre a forma ensaio e a liberdade de espírito, a qual, segundo Adorno, desde a tentativa leibniziana do estabelecimento de uma *Aufklärung*, vem sendo alvo de uma suspeita por parte do pensamento oficial. Tal liberdade se expressa, por exemplo, no fato do ensaio não começar "com Adão e Eva", e terminar onde lhe aprouver, onde julgar que os seus objetivos se encontram satisfeitos, o que lhe valhe a pecha de ser um subproduto cultural²⁶.

Por trás disso esconde-se o velho preconceito contra a supra-mencionada forma *interpretativa* (*deutende*) do pensamento, enquanto contraposta à sua versão classificatória (*einordnende*), tradicionalmente reconhecida como a propriamente científica²⁷. Na verdade, o núcleo de verdade das coisas encontra-se muito mais escondido por trás dos *fatos*, do que o positivista pode sequer imaginar, o que exige do intérprete, muito mais do que rigor classificatório, a espontaneidade da imaginação subjetiva²⁸. Tal valorização dos elementos subjetivos, banidos ou sublimados na ciência oficial, leva a um *quid pro quod*, segundo o qual o ensaio seria uma forma mais dependente da arte do que do pensamento conceitual. Até mesmo autores sabidamente distantes do positivismo, como o jovem Lukács, cometeram o engano de listar o ensaio enquanto forma artística²⁹.

O fato é que, bem ao contrário do que imagina o positivista, o conteúdo que se quer veicular não é de modo algum indiferente à forma de apresentação, o que praticamente caracteriza o específico da forma ensaio. Entretanto, há um momento de verdade na alergia pelo ensaio, dominante em certos meios científicos, a saber: o fato dessa for-

ma ser absorvida com relativa facilidade por vertentes da indústria cultural que desembocam, por exemplo, em biografias romanceadas³⁰. E isso ocorre em virtude de uma determinação essencial do ensaio: o caráter de tentativa, inerente a uma busca do objeto, cuja inexistência de uma pré-fixação constitui, simultaneamente, sua fraqueza e sua força³¹. Dessa forma, há que se diferenciar aqueles ensaios que se valem de tal determinação no sentido de localizar a verdade latente, mesmo no que é aparentemente falso, de outros que parecem querer suprir de modo imediato uma demanda social, degradando-se, portanto, em meras mercadorias:

Os maus ensaios não são menos conformistas que as más dissertações. Responsabilidade, entretanto, não respeita apenas autoridades e grêmios, mas também as coisas³².

Há que se ter em vista o fato — exaustivamente trabalhado na obra escrita a quatro mãos com Max Horkheimer, a *Dialética do esclarecimento*³³ — de que, no processo de desmitologização que caracterizou a civilização ocidental, arte e ciência separam-se irremediavelmente. A antiga unidade entre intuição e conceito, imagem e signo não pode mais, de modo algum, ser restabelecida, e a colocação de tal unidade como objetivo futuro tem um caráter utópico, de idéia reguladora, no sentido kantiano do termo³⁴. Tentativas filosóficas de, através de um empréstimo à poesia, eliminar o hiato entre sujeito e objeto, produto acabado da era do capitalismo tardio — e, aqui, Adorno, embora não o mencione, retoma a sua crítica à Ontologia Fundamental de Heidegger —, constituem o mais puro exemplo de regressão da consciência, ainda que num nível filosófico:

O ato de violência que, aqui, imagem e conceito praticam reciprocamente, origina-se

25. ADORNO, *Noten zur literatur*, 1981, p. 9.

26. *Ibidem*, p. 10.

27. *Ibidem*

28. *Ibidem*, p. 11.

29. *Ibidem*

30. *Ibidem*, p.12. Cf. ADORNO. *Gesammelte schriften* 7, p.256.

31. ADORNO, *Noten zur literatur*, p. 12.

32. *Ibidem*, p. 13

33. ADORNO, *Gesammelte schriften* 3, p. 34.

34. ADORNO, *Noten zur literatur*, p. 13.

ENSAIO

do jargão da autenticidade, no qual as palavras tremelicam de arrebato, enquanto se calam a respeito daquilo pelo que são arrebataadas³⁵.

De modo análogo, pode ocorrer na arte uma tendência a agir parasitariamente com relação à racionalidade propriamente científica, caso em que os elementos construtivos adquirem primazia sobre aquilo que constitui a própria razão de ser da obra de arte, i.e., sua componente expressiva. Nesse caso, ela "irmanha-se à coisificação, contra a qual foi função daquilo que não tem função, da arte, até hoje, levantar questão, mesmo que muda e até reificada"³⁶. O fato é que o *establishment* cultural exige uma delimitação perfeita entre as diversas áreas que o compõem: uma filosofia voltada para valores eternos, uma ciência verticalmente organizada e uma arte intuitiva, sem conceito, o que, mais uma vez, aponta para um estado de cegueira universal (*universaler Verblendungszusammenhang*), expressão freqüentemente usada por Adorno para designar a situação social do capitalismo tardio.

Reportando-se à tradição das *Geisteswissenschaften* alemãs, em sua distinção fundamental entre compreender (*verstehen*) e explicar (*erklären*), Adorno aponta para a impenetrabilidade dos conteúdos da consciência a uma concepção convencional de conhecimento, exemplificando com a obra literária de Marcel Proust, a qual, segundo ele, com elementos que não se reduzem, sem mais, aos procedimentos da ciência, esclarece com precisão aspectos da vida e da sociabilidade humanas, que, de outro modo, te-riam permanecido obscuros:

Proust tratou, sob a pressão do espírito cientificista e dos seus desejos latentes, onipresentes também no artista, numa técnica inspirada na própria ciência, de salvar ou de restabelecer um tipo de ordenação por tentativa, o qual, nos dias do individualismo burguês, já que a consciência individual ainda confiava em si mesma e não temia de

antemão a censura organizatória, valia como conhecimento de um homem experimentado do tipo daquele extinto *homme de lettres*, o qual Proust exconjurou como o caso mais alto do diletante³⁷.

Mas a linha demarcatória entre ciência e arte não pode se extinguir nem por boa vontade, nem por um planejamento global. Na verdade, tal divisão do trabalho é resultado de um espírito moldado pela produção material e pela necessidade de dominar a natureza, para o qual o estado superado pode apenas se projetar como utopia futura, em vista do que o seu procedimento especializado paralisa-se exatamente diante dos seus objetos específicos. Uma vez que a concepção filosófica de sistema — implacavelmente criticada por Adorno, sobretudo na *Dialética negativa*³⁸ — é um reflexo, ainda que extremamente mediato, da tarefa humana de dominar a natureza, e que a forma ensaio se contrapõe — pela incorporação do elemento expressivo no pensamento filosófico — à ditadura da autoconservação, pode-se concluir que "o ensaio tira, de acordo com a sua idéia, a consequência completa da crítica ao sistema"³⁹. Tal crítica ao sistema expressa, ainda que de modo latente, uma consciência da não-identidade, na medida em que o ensaio, espontaneamente, denuncia como ideológico o pressuposto da coincidência da ordem das coisas com a das idéias. Tal coincidência, fundando-se na suposição de algo mediato como sendo imediato, atropela o fato de que pensamento é essencialmente mediação, ignorando também a necessidade da referência do conceito pensado a uma faticidade.

Tal faticidade, expressa no conceito de história, não se encontra, de modo algum, numa relação de oposição com a verdade, mas "se a verdade tem, de fato, um núcleo temporal, então o conteúdo histórico completo torna-se num seu momento integral". A história se presentifica, mesmo na mais individual das consciências, por meio da *ex-*

35. ADORNO, *Noten zur literatur*, p. 14.

36. *Ibidem*

37. ADORNO, *Noten zur literatur*, p. 18.

38. ADORNO, *Gesammelte Schriften* 6, p. 32.

39. ADORNO, *Noten zur literatur*, p. 16.

ENSAIO

periência, correlata no ensaio às meras categorias na teoria convencional⁴⁰.

Implícita na crítica ao ensaio de que ele seria fragmentário e aleatório, está a crença na totalidade enquanto imediatamente dada, na acessibilidade do todo que, por sua vez, implica na identidade — pelo menos potencial — entre sujeito e objeto, pedra de toque de toda tradição filosófica ocidental. O pensamento adquire sua profundidade em função do seu grau de penetração nas coisas, e não na profundidade da relação que ele estabelece entre elas e algo diferente das mesmas.

O ensaio denuncia, uma vez que ele opera no limite da identidade da palavra consigo mesma, a extirpação da não-identidade no seio da linguagem, produto da supra-mencionada identidade entre sujeito e objeto. Índice da falsidade dessa extirpação é a subreção, segundo a qual algo mediato, *thesei*, produto cultural, é tomado como sendo imediato, *physei*, natureza⁴¹. O ensaio não pretende eliminar a natureza, mas faz jus a ela na medida em que revela seu caráter de não-identidade⁴².

Tal revelação procede de modo essencialmente anti-sistemático, apresentando uma unidade notável entre a crítica ao sistema — tema privilegiado da filosofia de Adorno — e a maneira pela qual ela se desenvolve:

O ensaio acolhe, portanto, o impulso anti-sistemático no próprio modo de proceder e introduz facilmente conceitos "imediatamente", assim como ele os percebe. Eles só são precisados em sua relação recíproca⁴³.

Na medida em que ele evita as definições prévias, o ensaio procura preservar o elemento não-identidade na linguagem, que tendencialmente é eliminado pelo procedimento da teoria convencional em virtude de sua preocupação paranóica com a

fixação *a priori* dos conteúdos dos conceitos. Tal procedimento não significa, naturalmente, abrir mão de toda e qualquer precisão conceitual. Ao contrário, ela deve ser salva em função de seu cuidado com o *como* de sua expressão, o que mais uma vez aponta para o processo da *experiência* intelectual, caracterizada como interação mútua dos conceitos enunciados em cada ensaio particular⁴⁴. Isso significa, por outro lado, abrir mão da segurança, melhor dizendo, da *eficácia* de tal conhecimento, já que o ensaio, como foi dito acima, opera pelo método de tentativa e erro, em virtude da *abertura* essencial da *experiência*.

O paradigma da eficiência do conhecimento, do poder da ciência de intervir na natureza com propósito de sua dominação, encontra-se claramente exposto no *Discurso do método*, de René Descartes, cujas regras Adorno analisa, confrontando-as com a sua antítese, expressa nas características do ensaio. À segunda regra, de acordo com a qual, deve-se dividir as dificuldades "em tantas parcelas quanto possível e necessário para melhor resolvê-las"⁴⁵, Adorno contrapõe o fato de que o objeto do ensaio, os *artefatos*, não se resolvem, de modo algum, mediante um procedimento analítico, pois "só podem ser construídos a partir de sua idéia específica"⁴⁶. Por outro lado, não se pode hipostasiar tal completude enquanto algo primeiro, assim como o produto da análise, os elementos:

"Diante de ambos, o ensaio se orienta pela idéia daquela ação mútua, a qual tolera estritamente a pergunta pelos elementos tão pouco quanto a pelo elementar. Nem os momentos devem ser desenvolvidos puramente a partir do todo, nem o contrário"⁴⁷.

Quanto à terceira regra, segundo a qual devo "conduzir por ordem meus pensamentos, começando pelos objetos mais simples e mais fáceis de se conhecer, para ascender como que por de-

40. *Ibidem*, p. 18.

41. Cf. *Gesammelte Schriften* 6, p. 92.

42. ADORNO, *Noten zur Literatur*, p. 19. Cf. ADORNO, *Gesammelte Schriften* 7, p. 97.

43. ADORNO, *Noten zur Literatur*, p. 20.

44. ADORNO, *Noten zur Literatur*, p. 21.

45. DESCARTES, *Discours de la méthode*, p. 47.

46. ADORNO, *Noten zur Literatur*, p. 22.

47. *Ibidem*

ENSAIO

graus, ao conhecimento dos mais complexos"⁴⁸, observa Adorno ser o procedimento do ensaio o extremo oposto, na medida em que ele parte exatamente do que é mais complexo. Inerente, portanto, à forma ensaio, encontra-se uma saudável pretensão, exemplificada pela ingenuidade do aprendiz que se lança à tarefa de desvendar o que é mais difícil. Tal posicionamento estaria mais próximo da realidade, uma vez que esse elemento simples é uma ficção, apenas condizente com a suposta (e desejada) existência de um mero ente.

A quarta e última regra: "fazer sempre enumerações tão completas e revisões tão gerais, que eu tivesse a certeza de nada omitir", prossegue no estabelecimento do princípio sistemático, ao qual Adorno contrapôs sua concepção de *anti-sistema*⁴⁹, embasada na distinção, feita por D'Alembert, entre *esprit systématique* e *esprit de système*⁵⁰. Nela, como seria de se esperar, ocupa o ensaio um lugar absolutamente central, pois a totalidade que se lhe apresenta como objeto é essencialmente antagonística. Desse modo, explica-se, mais uma vez o seu caráter fragmentário:

Sua forma é imanente à sua própria relativização: ele deve se compor como se ele pudesse interromper sempre e continuamente. Ele pensa em fragmentos, assim como a realidade é fragmentária, e encontra sua unidade através dos fragmentos, não na medida em que os reata⁵¹.

O mal-estar que esse procedimento ocasiona possui, entretanto, um momento de verdade, ao lado de sua inverdade. Tal momento se expressa no fato de o ensaio não concluir, sendo que tal incapacidade ressalta, enquanto paródia de seu próprio *a priori*. Nesse caso, atribui-se ao ensaio uma dívida contraída exatamente por formas de pensamento que pretendem eliminar a suposta "arbitrariedade" daquele. A inverdade no mencionado

mal-estar ocorre, porque a "arbitrariedade" da *constelação* do ensaio não é a do raciocínio puramente subjetivo, que transfere a *coerção da coisa* para a ordem dos conceitos.

Tal mal-estar advém também do fato do ensaio ser, ao mesmo tempo, mais aberto e mais fechado do que agrada ao pensamento convencional. Mais aberto, na medida em que ele nega o sistema por sua própria disposição. Mais fechado, porque ele trabalha enfaticamente na forma da apresentação, em virtude do reconhecimento da não-identidade entre apresentação e coisa (e somente aqui, segundo Adorno, reside a semelhança do ensaio com a arte).

Por tudo isso, Adorno qualifica o ensaio de forma crítica por excelência, já que ele é absolutamente cáustico com teorias, inclusive com as que lhe servem momentaneamente de sustentação. Isso concorre tendencialmente para a eliminação de opiniões mantenedoras de relação parasitária com as teorias, o que confere ao ensaio o seu caráter irreversível de *crítica da ideologia*. As acusações de ausência de ponto de vista e relativismo, o ensaio rebate com a denúncia de uma concepção de verdade "pronta" da teoria tradicional que rejeitaria exatamente a existência de pontos de vista. Nesse sentido, o ensaio estaria de acordo com o seu extremo oposto, a filosofia do saber absoluto de Hegel, na medida em que nela se encontra o elemento dialético. Uma passagem do texto "Para que ainda Filosofia" esclarece essa tangência: "A dialética não é um terceiro ponto de vista [entre a imediatidade e a mediação], mas a tentativa de, através de crítica imanente, levar os pontos de vista para além de si e da arbitrariedade do pensamento-de-ponto-de-vista"⁵².

Tal relação com a dialética hegeliana é, entretanto, ambígua: o ensaio deve, eventualmente, ser mais dialético do que a própria dialética:

Nem a verdade da totalidade deve ser posta imediatamente em jogo contra os juízos individuais, nem ser a eles reduzida: mas a

48. DESCARTES, Discours de la méthode, p. 47.

49. ADORNO, Gesammelte Schriften 6, p. 10.

50. D'ALEMBERT. Discours préliminaire de l'encyclopedie, p.

34. Cf. ADORNO, Gesammelte Schriften 6, p. 35.

51. ADORNO, Noten zur Literatur, p. 25.

52. ADORNO, Eingriffe, p. 21.

ENSAIO

pretensão da singularidade à verdade é tomada literalmente até a evidência de sua inverdade⁵³.

Com isso chega-se ao cerne das determinações da forma ensaio, a saber, o já mencionado reconhecimento de que o conceito não pode ser, de modo algum, algo primário, e de que não se pode tecer a cultura a partir da natureza, embora uma análise daquela mostre uma essência selvagem, que a aproxima dessa última⁵⁴. Aqui delinea-se, sob outro aspecto, novamente o tema da *Dialética do esclarecimento*, ou seja, o fato de que a racionalidade humana, unilateralmente desenvolvida no sentido de garantir a auto-conservação dominando a natureza, torna-se ela própria em natureza, no momento histórico de sua mais completa coisificação desde o seu estabelecimento (o *mundo administrado* do capitalismo tardio). O ensaio é a forma de pensamento que garante o necessário elemento reflexivo no *esclarecimento*: "Sob o olhar do ensaio, torna-se a segunda natureza consciência de si própria enquanto primeira"⁵⁵.

O meio para a consecução dessa reflexão busca o ensaio numa aproximação à antiga *retórica*, onde o elemento expressivo é absolutamente relevante⁵⁶, portando-se, ao mesmo tempo, como índice do reconhecimento da reificação presente no pensamento e como uma promessa de felicidade, a qual não se constitui num saudosismo do passado, mas numa projeção utópica para o futuro:

As satisfações, as quais a retórica quer proporcionar ao ouvinte, são sublimadas, no ensaio, na idéia da felicidade de uma liberdade diante do objeto, que lhe dá mais de si, do que se ele fôsse submetido impiedosamente à ordem das idéias⁵⁷.

Com isso, o ensaio aponta para a possibilidade de uma inversão no curso dos acontecimentos da história do Ocidente, onde o domínio da natureza de

um meio potencial para se alcançar a felicidade tornou-se num instrumento de perpetuação da infelicidade, abarcando também a própria dominação sobre os homens.

Resta ainda aclarar as relações do ensaio com o procedimento convencional na dimensão de uma logicidade que lhe é própria, semelhante à absoluta precisão da lógica musical⁵⁸, que, no entanto, não se confunde com a habitual lógica discursiva. Segundo Adorno, nenhuma contradição deve permanecer, a pretexto da existência da contradição no objeto. O ensaio opera por coordenação diferentemente da subordinação lógica do procedimento convencional. O resultado desse *modus operandi*, onde a tensão entre a forma de apresentação e o que é apresentado cria uma dinâmica própria, é, entretanto, uma construção mais estática onde se destaca a justaposição. Isso caracterizar-se-á como uma supra-cientificidade do ensaio, distinta de uma pura e simples pré-cientificidade. Se o meio do ensaio é indiscutivelmente o conceitual, por outro lado, o seu procedimento é o de tentar explodir com os conceitos aquilo que não cabe neles⁵⁹.

CONCLUSÕES

Da análise de ambos os textos de Adorno, efetuada acima, pode-se depreender, primeiramente, tanto a centralidade da temática do ensaio na obra do autor, quanto a importância conferida a ela pelo mesmo. Nesse sentido, merece uma explicação o fato de se ter tomado como objeto imediato de análise dois textos que não se encontram nem entre os mais lidos, como a *Dialética do esclarecimento* e a *Minima moralia*, nem entre aqueles aos quais Adorno parece ter atribuído maior importância, como a *Dialética negativa* e a *Teoria estética*. Deve-se ressaltar, no entanto, o fato de, como se apontou na introdução deste artigo, alguns textos-chave de Adorno caracterizarem-se por serem uma espécie de corte transversal em toda a sua filosofia, o que, sem dúvida alguma, ocorre com o texto "O ensaio como forma". No

53. ADORNO, *Noten zur literatur*, p. 28.

54. ADORNO, *Noten zur literatur*, p. 28.

55. *Ibidem*, p. 29.

56. Cf. ADORNO, *Gesammelte schriften* 6, p. 65.

57. ADORNO, *Noten zur literatur*, p. 30.

58. ADORNO, *Gesammelte schriften* 6, p. 115.

59. ADORNO, *Noten zur literatur*, p. 32.

ENSAIO

outro, "A atualidade da filosofia", isso se passa em menor escala, apresentando esse texto, entretanto, a peculiaridade de ser uma espécie de *début* filosófico de Adorno, onde a referência, no final do texto, à necessidade de se retomar a forma ensaio em função de uma concepção nova da própria Filosofia é um sintoma da centralidade dessa temática no pensamento do filósofo. Existe, além disso, uma inequívoca complementariedade entre os dois textos, servindo o mais antigo como uma espécie de introdução à problemática tratada pelo mais recente.

Para concluir, portanto, trata-se de explicitar um a um os temas centrais da filosofia de Adorno, presentes no texto "O ensaio como forma", que fazem dele um daqueles textos-chave mencionados acima. O primeiro deles é uma referência a tópicos da *Dialética do esclarecimento*, tais como o divórcio entre a arte e a ciência e seus epifenômenos, e a selvageria, instalada no âmbito da sociedade e da cultura, sob a vigência do capitalismo tardio. Oriundos da *Dialética negativa*, compõem temas como a crítica à Ontologia Fundamental — já presente também na "Atualidade da Filosofia" — a crítica ao sistema, destacando-se também a proximidade aos enciclopedistas franceses, e a reabilitação da Retórica pela introdução do elemento expressivo no pensamento filosófico. Há também pontos de contato importantes com a *Teoria estética*, a saber, a dialética entre os elementos construtivos e expressivos, e a proximidade do ensaio à "natureza" pelo respeito demonstrado por ele à não-identidade, remetendo ao capítulo da *Teoria estética* sobre o *belo natural*.

Mas, além disso, há ainda um fator que coloca os textos aqui rescenceados — principalmente "O ensaio como forma" — numa posição de vantagem com relação a outros que lhes são comparáveis, a saber, a possibilidade que eles têm de, não apenas incluir temas centrais de filosofia de Adorno, mas praticamente de caracterizá-la como um todo, na sua forma acabada (e o fato do texto de juventude já apontar para essa direção é apenas um indício da notável coerência de seu pensamento). Tal forma não significa outra coisa do

que o expresso na introdução de *Palavras-chave* (*Stichworte*), datado de poucas semanas antes da morte do filósofo:

O título 'Palavras-chave' lembra a forma enciclopédica enquanto aquela que, desprovida de sistema, descontinuamente, apresenta aquilo que, através da unidade da experiência se funde numa constelação. Assim como se procedeu no pequeno volume, com palavras-chave escolhidas em certa medida arbitrariamente, seria pensável um novo *Dictionnaire philosophique*⁶⁰.

Essa descontinuidade e assistemática, descritas por Adorno como determinações essenciais do ensaio, permitem concluir que a sua filosofia como um todo poderia, de certo modo, ser corretamente designada por "ensaística", o que explica também o título escolhido para esse artigo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ADORNO, Theodor W. *Sociologia*. São Paulo: Ática, 1985.
2. _____. *Eingriffe; Neun kritische Modelle*. Frankfurt: (M), Suhrkamp, 1988.
3. _____. *Gesammelte Schriften 1. Philosophische Frühschriften*. Frankfurt: (M), Suhrkamp, 1973.
4. _____. *Gesammelte Schriften 3. Dialektik der Aufklärung*. Frankfurt: (M), Suhrkamp, 1981.
5. _____. *Gesammelte Schriften 6. Negative Dialektik*. Frankfurt: (M), Suhrkamp, 1985.
6. _____. *Gesammelte Schriften 7. Ästhetische Theorie*. Frankfurt: (M), Suhrkamp, 1985.
7. _____. *Noten zur Literatur*. Frankfurt: (M), Suhrkamp, 1981.
8. _____. *Stichworte. Kritische Modelle 2*. Frankfurt: (M), Suhrkamp, 1980.
9. D'ALEMBERT, Jean le Rond. *Discours*

60. ADORNO, *Stichworte*, p. 10.

ENSAIO

préliminaire de l'encyclopédie.

Paris: Denoël, 1965.

10. DESCARTES, René. *Discours de la méthode.*

Paris: Garnier-Flammarion, 1966.

11. JAY, Martin. *Adorno.* Cambridge: Harvard University Press, 1984.



ABSTRACT

By means of the analysis of two Theodor Adorno's texts temporally very distant from each other — one written in the beginning of his career, the other in his maturity —, this article shows that the essay was for him not merely a theme of reflection, but also and upmost a kind of matrix for his thought. Within this matrix, through resort to a tradition, begun, in the Modernity, with Montaigne and solidified with Leibniz and the English empiricists, Adorno seeks to build, in the last phase of his philosophy, his conception of an "Anti-system", in which the indispensable coherence of thought can be kept save from instrumentalization by the domination system.